O SIMBOLISMO DA INDIVIDUAÇÃO NO "CASTELO INTERIOR"

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ruston, Yvone de Rezende
O simbolismo da individuação no "Castelo interior": articulação entre a psicologia analítica e a mística de Teresa de Ávila / Yvone de Rezende Ruston. - São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Amor e Psique)

ISBN 978-85-349-5629-1

1. Psicologia Junguiana 2. Teresa, de Ávila, Santa, 1515-1582 3. Psicologia e religião
4. Espiritualidade I. Título II. Série

25-0433 CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia Junguiana

Yvone de Rezende Ruston

O SIMBOLISMO DA INDIVIDUAÇÃO NO "CASTELO INTERIOR"

ARTICULAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA E A MÍSTICA DE TERESA DE ÁVILA

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Coordenação da coleção
Dra. Maria Elci Spaccaquerche
Dr. Franklin Chang
Dr. Léon Bonaventure (*in memoriam*)

Revisão
Tiago José Risi Leme, Alexandre Santana,
Luiza Tenuta, Lucas Giron, Carlos Antônio Maia

Design
Gustavo Gomes

Imagem da capa
Getty Images:
Vitral da catedral de Chartres

Impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2025

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5629-1

ÍNDICE

Introdução.....9

Capítulo 1 – O processo de individuação
na psicologia analítica 23

Capítulo 2 – As etapas do processo de individuação 39

Capítulo 3 – Os símbolos na abordagem junguiana.....53

Capítulo 4 – "Castelo interior":
Welch e Bonaventure.....61

Capítulo 5 – O castelo, imagem da totalidade.....83

Capítulo 6 – O simbolismo da jornada
na individuação.....99

Capítulo 7 – A simbologia
das serpentes e dos demônios.....117

Capítulo 8 – Borboleta, imagem
da transformação psíquica 137

Capítulo 9 – A simbologia
do matrimônio espiritual.....163

Capítulo 10 – Cristo, imagem simbólica do *Self*.....183

Conclusão 205

Bibliografia 209

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO *AMOR E PSIQUE*

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um novo lugar de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, ao invés de buscar causas, explicações psicopatológicas para nossas feridas e nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo, poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram da falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida porta, em si, um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, e sim o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode, de novo, estender a mão à teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana,

do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência, para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos os que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung desejava.

Léon Bonaventure

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, depois de numerosas polêmicas em torno dos temas que tratam da interseção entre psicologia e religião, é possível, hoje, considerar essas duas áreas como complementares, ambas contribuindo para a amplificação da consciência e do amadurecimento psíquico e espiritual do indivíduo. Nessa perspectiva, poucas abordagens despertam tanto interesse quanto a realizada por Carl Gustav Jung com sua psicologia analítica.

O presente livro pretende demonstrar como as referências místicas de Teresa de Ávila, em articulação com a psicologia analítica, podem contribuir para a compreensão do processo de ampliação da consciência do *Self*. Favorece a elaboração de uma compreensão pessoal do modo pelo qual as experiências humanas vão se sucedendo e norteando o desenvolvimento do ser humano; de como introduzem mudanças genuínas que gradativamente podem ser apropriadas pela consciência. De acordo com a psicologia analítica, o desenvolvimento humano ocorre numa correspondência de movimento psíquico entre consciente e inconsciente. Nessa dinâmica, fica implícito o funcionamento de domínios não racionais, o que implica a necessidade da linguagem simbólica como recurso à compreensão. Na obra de Teresa de Ávila, *Castelo interior*,[1] podemos perceber a dinâmica psíquica do processo de

[1] As citações de *Castelo interior* referem-se a: SANTA TERESA DE JESUS. *Castelo interior ou Moradas*. São Paulo: Paulus, 1981. Entre as várias referências à autora, encontramos: Teresa de Ahumada, nome de família; Teresa de Jesus, nome religioso; Teresa de Ávila, lugar de origem.

individuação enquanto a autora faz o relato de suas experiências pelas moradas do castelo. Nessa movimentação, revela-se uma simbologia disponível que reflete o processo de individuação descrito por Jung.

Em *Castelo interior*, Teresa conta a história de uma jornada heroica do ser humano em busca de seu Criador. No decorrer dessa jornada, constrói-se intimidade afetiva e amorosa, espaço psíquico e espiritual, lugar do encontro onde o ser humano retorna à sua fonte original, lugar onde o indivíduo resgata a unidade original pelo restabelecimento do princípio vital, oriundo de Deus. Na concepção da psicologia analítica, a linguagem simbólica utilizada por Teresa de Ávila permite compreender fenômenos que gradativamente compõem o processo de individuação. Valendo-se dos símbolos, a autora relata suas experiências místicas na jornada heroica por meio de sete moradas, tecendo uma trajetória repleta de surpresas, perigos e sentimentos de plenitude. Essa jornada de Teresa de Ávila pelas moradas do castelo é experiência que reflete o processo de individuação. Acerca dos obstáculos desse processo, Jung afirmou:

> [...] quem se submete, *a priori*, à lei ou à expectativa geral, comporta-se como o homem da parábola, que enterrou o seu talento. O processo de individuação constitui tarefa sumamente penosa, em que há sempre um conflito de obrigações, cuja solução supõe que se esteja em condições de entender a vontade contrária como a vontade de Deus.[2]

[2] JUNG, C. G. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade.* Petrópolis: Vozes, 1979. § 292. (Obras completas, v. 11/2.)

Os símbolos presentes na obra de Teresa de Ávila são capazes de clarear e traduzir conceitos do processo de individuação, além de oferecer um sentido existencial na relação entre os mundos interno e externo. A jornada pelas moradas é marcada pelo medo e pela solidão, obstáculos que, uma vez superados pela determinação e sempre apoiados pela graça divina, possibilitam encontrar, nas trevas, a luz. Com efeito, vivemos, em nossa condição humana, situações nas quais deparamos limites de difícil superação, que nos remetem à condição finita de nossa existência e de nossas possibilidades de agir. Isso pode ser oportunidade para buscarmos uma compreensão de sentido em nossos caminhos, ressignificando e ativando potências e possibilidades.

Assim, esses símbolos norteiam, orientam, advertem para os perigos do caminho, oferecem ao peregrino um mapa de inestimável valor, lembrando que a experiência da escuridão, da confusão, da alienação e do sofrimento é processo necessário para a consciência do *Self*, para a realização pessoal no caminho da individuação. O despertar da individuação muitas vezes começa por uma crise, por perdas e doenças, e o ser humano se vê obrigado a rever seus valores, sua perspectiva de vida, seus laços afetivos, suas fraquezas... – situações que despertam a necessidade de buscar sentido mais amplo para a vida. Assim, este trabalho busca articular as experiências místicas de Teresa de Ávila apresentadas na obra *Castelo interior* com a psicologia analítica.

Conforme transparece em sua obra, Deus é realidade na vida de Teresa de Ávila. Na apreciação da psicologia analítica, ele também é realidade, uma vez que toda imagem simbólica é realidade psicológica, já que é

um conteúdo da psique.[3] A questão da realidade psíquica requer lembrarmos aqui algumas considerações de Jung, em que ele observa:

> Parece-nos que certos conteúdos ou imagens provêm de um meio ambiente supostamente físico, de que nossos corpos fazem parte, enquanto outros procedem de uma fonte dita espiritual, aparentemente diversa do mundo físico, mas que nem por isso são menos reais. Que eu imagine o carro que eu deseje comprar ou o estado em que atualmente se encontra a alma de meu falecido pai, que eu me irrite com um fato exterior, ou com um pensamento são, psiquicamente falando, coisas igualmente reais. A única diferença é que uma se refere ao mundo das coisas físicas e a outra ao mundo das coisas espirituais. Se transponho minha noção de realidade para o plano da psique, onde essa noção está em seu verdadeiro lugar, o conflito entre a natureza e o espírito como princípios explicativos antitéticos se resolve por si mesmo.[4]

De acordo com Jung,[5] a realidade viva não é dada exclusivamente pelo produto do comportamento real e objetivo das coisas; ideia e coisa confluem na psique humana, que mantém um equilíbrio entre elas; "afinal, o que seria da ideia se a psique não lhe concedesse um valor vivo? E o que seria da coisa objetiva se a psique não lhe tirasse a força determinante de impressão sensível?"[6] Para Jung,

---

[3] RUSTON, Y. R. *Mística e desenvolvimento da consciência, Castelo Interior e o processo de individuação.* 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC, São Paulo, 2002. p. 2.

[4] JUNG, C. G. *A natureza da psique.* Petrópolis: Vozes, 1991a. § 681-682. (Obras completas, v. 8/2.)

[5] JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991f. § 73. (Obras completas, v. 6.)

[6] *Ibid.*, v. 6, § 73.

a psicologia é uma ciência intermediária, uma vez que seu objeto de estudo como ciência é a psique humana e, nesse espaço, coisa e ideia se reconciliam numa mesma unidade.

Nesse ponto, é necessário estabelecer uma diferença entre a imagem de Deus, Cristo, fazendo parte da nossa história, ocupando um tempo e um espaço, como verdadeiro homem, e Cristo, verdadeiro Deus, segunda pessoa da Santíssima Trindade, objeto de estudo da teologia. Na psicologia analítica, Cristo é a imagem do *Self*, a imagem que cada indivíduo faz dele, pessoalmente. Nossas referências a Deus, aqui, serão sempre nesse sentido. Essa distinção pode ser encontrada até mesmo em Teresa, quando ela se refere à ideia de Deus, à imagem de Deus e Deus mesmo incognoscível sobre a terra.[7]

Castelo interior é a narrativa dos significados, da expressão de uma vida. Nessa obra, Teresa de Ávila descreve suas experiências pelos caminhos do mundo interior, por meio de imagens, numa busca apaixonada pelo Deus vivo, presente nela mesma. A alma presenteia a consciência com imagens, mas como conceituá-la? A exploração da alma[8] mostra que não estamos tratando de alguma coisa que se possa definir, e na verdade a alma não é um conceito, mas um símbolo. Os símbolos não são produzidos racionalmente, por isso não estão totalmente sob nosso controle, e consequentemente não conseguimos usar a palavra de maneira não ambígua, mesmo ao empregá-la

[7] RUSTON, 2002.

[8] Os termos "alma" e "psique" podem ser usados alternadamente, embora a tendência seja escapar à ambiguidade do termo "alma", recorrendo-se "psique" por ser mais moderno e biológico. "Psique" é empregada como um fato natural concomitante à vida física, ainda talvez a ela redutível. "Alma", por outro lado, apresenta sobretons românticos e metafísicos, compartilhando suas fronteiras com a religião (HILLMAN, J. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p. 41).

com referência àquele fator humano desconhecido que torna possível a existência de significado, que transforma fatos em experiências. Alma é conceito deliberadamente ambíguo, que resiste a toda e qualquer definição, exatamente como acontece com todos os símbolos.[9]

Teresa de Ahumada nasceu em 28 de março de 1515, em Ávila, e morreu em 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes. Teve por inimigos aqueles que a consideravam um perigo permanente, por se apresentar como modelo de liberdade e empreender uma busca vigorosa do Absoluto: foi peregrina incansável na defesa da verdade. Os escritos, palavras e atitudes dessa mulher perturbaram muitos, mas também iluminaram muitos outros em seu tempo e ao longo da história. Sua obra revela indiscutível sabedoria e compõe uma rota segura para autêntica experiência de Deus. Autodidata, não teve ensino técnico. Sentiu vocação literária muito cedo. Aos 14 anos, escreveu um pequeno romance de cavalaria para diversão de seus amigos e amigas. Toda sua formação foi doméstica: falava a partir de sua experiência vivida. O primeiro volume de *Castelo interior*, editado em 1577, conserva-se em posse das Carmelitas Descalças de Sevilha.

Em 1538, Teresa de Ávila precisou deixar o convento para restabelecer-se de uma enfermidade que quase a levou à morte. A leitura do *Abecedário espiritual* do franciscano Francisco de Osuña foi, para a jovem madre, o início do despertar espiritual e do amor pela oração. O encontro com as *Confissões* de Santo Agostinho constituiu uma retomada de vida de oração, ante a angústia que foi tomando forma em sua vida. Nesse processo, a presença de São Pedro de Alcântara, franciscano austero, mas possuidor de

[9] HILLMAN, 1985, p. 41.

grande sabedoria, foi para a santa um auxílio determinante. Obediente à Igreja e, ao mesmo tempo, sua questionadora, submissa à autoridade, procurou caminhos para levar à frente os desígnios de Deus, defendendo, acima de tudo, a felicidade de ser filha da Igreja. Entre os desígnios de Deus, assumiu como projeto de vida o retorno à regra primitiva do Carmelo. Com seus escritos, Teresa rompe os limites do mundo dos carmelitas descalços e das monjas carmelitas descalças. Seu nome e sua mensagem ultrapassam a Igreja e conquistam pessoas de outras raças e religiões, em busca do infinito e do desejo de Deus. No dia 27 de setembro de 1970, o papa Paulo VI proclamou-a doutora da Igreja. Desde os séculos anteriores, o povo, intuitivamente, já reconhecia o valor extraordinário dessa mulher, revelando, mais uma vez, que suas intuições precedem a Igreja.

É interessante notar que o contexto histórico de Teresa coincide com o alargamento do mundo conhecido. Nascida no século XVI, foi testemunha das grandes navegações e da descoberta do Novo Mundo. Esse fato histórico representa forte apelo ao indivíduo para projetar a alma no mundo externo, em imagens que representam riqueza, prosperidade, poder. Trata-se de aventuras exteriores em terras muito distantes. Teresa de Ávila descreve aventuras não menos fascinantes, numa rota surpreendente e misteriosa pelos caminhos do mundo interior, na estrutura das moradas de um castelo. Isso pode confirmar o comentário segundo o qual "a realidade da religião é inserida na estrutura da alma humana e é expressa na consciência que nasce de tais profundezas".[10] A história de Teresa não é uma peça rara de museu; sua história é nossa história. Ela é tão relevante para nosso

[10] DOURLEY, J. P. *A psique como sacramento*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 41.

século como o foi para os séculos precedentes e o será para os que virão, porque sua jornada é a de todo ser humano, em qualquer tempo e lugar.

A natureza da psique é religiosa, sendo descrita como fonte de símbolos vivos e expressões universais do espírito humano.[11] O que confere vitalidade e integridade à alma humana é a imagem de Deus, a presença do sagrado e a percepção de uma dimensão transcendente em si mesma. "Sempre que o inconsciente coletivo se encarna na vivência e se casa com a consciência da época, ocorre um ato criador que concerne a toda época."[12] De acordo com a psicologia analítica, no estrato mais profundo da estrutura psíquica, encontramos material psíquico que faz parte da herança psíquica comum a toda a humanidade, independentemente de tempo e espaço, e constitui o que Jung chama de conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo. Essa teoria de Jung permite justificar a atualidade da obra de Teresa, pois esta, embora tenha sido escrita no século XVI, nos oferece imagens comuns a todo o gênero humano, aspectos que, uma vez considerados e refletidos, oferecem riquíssima oportunidade para melhor compreensão do processo de desenvolvimento da consciência.

Castelo interior, por si mesmo, já representa um valor religioso e filosófico inestimável. Essa obra de Teresa nasceu num tempo em que a Igreja vivia a conturbada época da Inquisição, instituição jurídica da Igreja Católica. Podemos encontrar uma relação entre a mística de Teresa, centrada na oração interior, e a psicologia junguiana, de acordo com a qual,

---

[11] JUNG, 1991a, v. 8/2.

[12] JUNG, C. G. *O Espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985. § 86. (Obras completas, v. 15.)

> [...] uma religiosidade exclusivamente projetada priva a alma de seus valores, torna-a incapaz de prosseguir em seu desenvolvimento. Ela pode cair vítima de que a causa de todo mal provém de fora, sem que lhe ocorra indagar, como e em que medida ela mesma contribui para isso. Numa forma de religião em que toda ênfase repousa na figura externa, o conteúdo inconsciente é quase todo substituído por uma imagem projetada; isso determina sua exclusão de qualquer influência e participação no tocante à consciência. A vida é com isso profundamente prejudicada, uma vez que esse conteúdo inconsciente é impedido de exercer sua função natural de formador da consciência.[13]

Se relacionarmos esse conteúdo teórico com o fato histórico da Inquisição, ficamos no meio de uma polaridade. De acordo com a política dessa instituição, o conteúdo inconsciente – ou seja, a alma – deveria ser totalmente projetado numa figura externa, a Igreja, como única responsável por todo comportamento humano, esvaziando o indivíduo de toda responsabilidade por seus atos. Este é levado a se comportar de forma automática e seu único valor consiste em obedecer, podendo ocorrer uma paralisação, ou petrificação, da personalidade. A alma, responsável pelo vínculo do indivíduo com seu inconsciente, do eu com sua voz interior, o *Self*, uma vez projetada quase exclusivamente numa figura externa, perde sua função de formadora da consciência. A ausência dessa função pode conduzir o relacionamento humano a um gradativo estado de deterioração, restando muito pouco do que chamamos de humano nos relacionamentos. Em contraposição, *Castelo interior* devolve à alma o lugar que lhe é próprio, o mundo interior, reconhecendo sua dignidade de

[13] JUNG, C. G. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991e. § 22. (Obras completas, v. 12.)

mensageira entre Deus e o ser humano – numa linguagem junguiana, entre o eu e sua voz interior, o *Self*, imagem de Deus na psique humana.

O método junguiano de interpretar símbolos espontâneos do inconsciente tenta, com base nas imagens simbólicas, descrever uma situação sob a forma de analogias ou parábolas. Permite uma leitura psicológica das imagens simbólicas de *Castelo interior,* que exprimem o encontro do ser humano com seu centro, imagem de Deus imanente. Por meio do tratamento dessas imagens, é possível reconhecer, nas experiências pessoais, situações em que a vida providencia o encontro com o Outro, o encontro com o *Self*, imagem de Deus na psique humana. Do ponto de vista psicológico, a elaboração dessas imagens permite uma compreensão mais profunda da própria história, das experiências amargas da vida, e com base nelas é possível chegar a uma existência mais madura e mais plena, para nós mesmos e para os outros.

As imagens simbólicas estão presentes em inúmeras manifestações humanas, nos sonhos, nas fantasias, na linguagem, nas criações artísticas e científicas, na religião e nos acontecimentos que permeiam a rotina da vida. Quando elaboradas, podem promover estruturação e desenvolvimento psíquicos, auxiliando o indivíduo no seu processo de diferenciação e de autorrealização, de individuação. O reconhecimento e a significação da imagem são movidos pelo processo de elaboração simbólica. O inconsciente se revela por meio de imagens, mas essas imagens precisam ser tratadas para que produzam os significados. O conhecimento humano é decorrente do processo de elaboração e compreensão das mensagens trazidas pelos símbolos. O símbolo revela-se em polaridades para ser apreendido pela consciência e é capaz de conciliar processos conflituosos entre consciente e inconsciente.

Na pesquisa do simbolismo, podemos recorrer à fonte individual e arquetípica. A fonte individual deriva das experiências pessoais, específicas aos acontecimentos singulares e significativos à pessoa; por sua vez, a fonte arquetípica deriva de imagens e ideias universais, que compõem a herança histórica e cultural da humanidade. Para estudar a fonte arquetípica, Jung desenvolveu o método da amplificação. Esse método utiliza-se de paralelos históricos, mitológicos e culturais, mediante os quais a consciência ganha amplitude e se posiciona num contexto mais universal e humano.[14]

Teresa de Ávila relata que a imagem da jornada pelo castelo foi gerada espontaneamente, depois de sentir-se dolorosamente impotente para cumprir a árdua tarefa de falar sobre a vida de oração. A imagem do castelo norteará todos os seus ensinamentos e suas vivências para melhor compreensão do objetivo de sua tarefa. Com base nessa imagem simbólica, outras imagens, produzidas espontaneamente, foram compondo a jornada através das moradas em busca do centro do castelo, onde humano e divino celebram as bodas do encontro. Na teoria de Jung, toda inspiração, todo material psíquico que sobrevive ao tempo e espaço, pertence ao estrato mais profundo do psiquismo humano, faz parte da herança psíquica e cultural e é comum a toda a humanidade. Essa fonte psíquica constitui o que Jung chamou de inconsciente coletivo, a fonte arquetípica a que nos referimos acima. Vemos em *Castelo interior* uma fonte arquetípica, e foi com base nela que pudemos fazer uma amplificação das experiências e símbolos que Teresa de Ávila relata em seus escritos. As experiências remontam ao nível mais profundo da psique humana, o que justifica, logo no início, a autora sentir-se impotente para cumprir sua tarefa:

[14] RAMOS, D. *A psique do coração*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 17.

> Pedindo hoje a nosso Senhor que falasse por mim, pois não achava assunto, nem sabia por onde começar, a fim de cumprir esta obediência, veio-me à mente o que agora vou explicar. Servirá para tudo o que disser. Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante [...]. Nada posso imaginar comparável à beleza de uma alma e a sua imensa capacidade. Por agudas que sejam, as nossas inteligências não chegam a compreendê-la verdadeiramente, assim como não compreendem a Deus. É ele próprio quem diz nos ter criado à sua imagem e semelhança.[15]

Teresa de Ávila precisou usar imagens simbólicas para possibilitar alguma compreensão da oração como relação entre o indivíduo e Deus; em termos junguianos, da dinâmica que ocorre na camada mais profunda do psiquismo humano. Pode-se afirmar que o símbolo é a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma na direção de um significado não transmitido por um termo racional, decorrente da limitação que lhe é própria.[16] Particularmente para Jung:

> [...] não é um sinal arbitrário e intencional de um fato conhecido e compreensível, mas uma expressão de caráter reconhecidamente antropomórfico [...] de um conteúdo sobrenatural e, por esta razão, só compreensível dentro de certas condições. O símbolo é, na verdade, a melhor expressão possível, mas está muito abaixo do nível do mistério que significa.[17]

---

[15] SANTA TERESA DE JESUS, 1981, I, cap. 1, n. 1.

[16] WHITMONT, C. E. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2008.

[17] JUNG, C. G. *O símbolo da transformação na missa*. Petrópolis: Vozes, 2013. § 307. (Obras completas, v. 11/3.)

É importante diferenciar um símbolo verdadeiro de um signo ou alegoria, que são produtos de uma atividade mental deliberada, consciente.

> Toda visão que interpreta a expressão simbólica como um análogo ou um modelo abreviado de algo conhecido é semiótica. Uma visão que interpreta a expressão simbólica como a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido, que não pode, por essa razão, ser mais claramente ou mais caracteristicamente representado, é simbólica [...]. Uma expressão que representa algo conhecido sempre continua a ser apenas um signo, nunca um símbolo. É, portanto, impossível criar um símbolo vivo, isto é, um que seja fecundo de significado, a partir de associações conhecidas.[18]

Nosso estudo se desenvolve em dez capítulos: os três primeiros reúnem conceitos e comentários do referencial teórico junguiano sobre o processo de individuação, as etapas desse processo e a simbologia na teoria junguiana. O Capítulo 4 recolhe contribuições anteriores de dois renomados autores junguianos que pesquisaram o *Castelo interior*: Léon Bonaventure e John Welch. No Capítulo 5, vemos como Teresa associa a imagem do castelo à figura de uma mandala, o símbolo circular do *Self*, objetivo do processo de individuação. Trata-se de lugar psíquico e espiritual onde o indivíduo pode resgatar a unidade original. Já o Capítulo 6, denominado "O simbolismo da jornada na individuação", descreve a aventura do peregrino que caminha através das moradas do castelo em busca do centro, uma peregrinação com contornos marcadamente semelhantes ao processo de individuação. No Capítulo 7, serpentes e

[18] JUNG, 1991f, v. 6, § 602.

demônios são investigados como símbolos das forças do inconsciente coletivo, as quais podem atrapalhar a jornada interior. Quando conscientemente apropriadas, essas forças nutrem o indivíduo; quando, porém, vividas de forma inconsciente, podem ser potencialmente destrutivas. Os elementos demoníacos aparecem como personificações do lado inferior da personalidade que foi negligenciado, ao qual Jung deu o nome de sombra. Por sua vez, o Capítulo 8 apresenta a borboleta como imagem representativa da morte e do renascimento em união com Cristo, tratando da emergência do *Self* por meio de uma série de transformações. No Capítulo 9, "A simbologia do matrimônio espiritual", trata-se da intimidade da união espiritual com Deus. Jung viu o masculino e o feminino como a polaridade básica da existência humana, expressando a experiência do "outro". Ao mesmo tempo, essa polaridade demonstra o movimento dinâmico em direção à unidade e à totalidade, ambos no interior do indivíduo e nas comunidades humanas. Finalmente, o Capítulo 10 debruça-se sobre o tema "Cristo, imagem simbólica do *Self*". Psicologicamente, Cristo é poderoso símbolo do *Self*. Jung sustentou que não podia diferenciar os símbolos do *Self* dos símbolos de Deus. De acordo com ele, Cristo crucificado entre os dois ladrões foi a mais completa imagem do *Self*.

Propondo essa abordagem, convidamos o(a) leitor(a) a trilhar conosco esse caminho, pelo qual certamente poderá se assegurar da atualidade da obra de Teresa de Ávila e compreender um pouco melhor o fascínio que ela continua a exercer sobre todos aqueles que se identificam com a jornada mística por ela empreendida rumo à individuação e à plena consciência.